

Representações sociais da natureza e do meio ambiente¹ (Representations of nature and environment)

Clélia Maria Nascimento-Schülze
Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas - UFSC

Resumo

O presente artigo busca articular as reflexões sobre as representações sociais da natureza e do meio ambiente, realizadas por intelectuais de diferentes tradições disciplinares, culminando com um exercício de pesquisa empírica, centrada no aspecto estrutural das representações sociais, ou seja, no núcleo central das mesmas. Os 630 atores sociais entrevistados são considerados, enquanto membros dos grupos sociais: moradores locais de Florianópolis; turistas e agentes mediadores do turismo na ilha de

Abstract

The present paper tries to articulate the reflections on the representations of nature and environment by intellectuals of different disciplinary traditions, culminating with an empirical inquiry, centered on the structural aspect of the social representations, in other words, on their central nucleus. The 630 social actors who were interviewed were classified as members of different social groups: natives from Florianópolis, tourists and tourist agents of tourism in the

¹ Este artigo originou-se no Projeto Integrado, financiado pelo CNPq e que ainda encontra-se em andamento.

Santa Catarina. Os dados obtidos através da técnica de evocação livre de palavras (ABRIC, 1998) e analisados pelo programa EVOC (VERGÈS, 1999), sugerem uma representação de meio ambiente naturalista por parte dos membros dos 3 grupos e uma forte preocupação para com a preservação da natureza, principalmente por parte dos moradores locais.

Island of Santa Catarina. The outcome, obtained through the technique of free association of words (ABRIC, 1998), was analysed with the program Evoc (VERGÈS, 1999) and suggests a naturalistic representation of the environment by part of all three groups and a strong concern with the preservation of nature, mainly from native inhabitants.

Palavras-chave: representações sociais; meio ambiente; natureza.

Keywords: social representations; environment; nature.

O diálogo com a natureza se iniciou com a própria humanidade, e as diversas representações sociais da natureza podem ser rastreadas nas contribuições de origem filosófica, histórica e sociológica. Estas últimas darão um contexto para que a contribuição psicossocial, a ser aqui desenvolvida, possa ser discutida de forma articulada.

Alguns autores, como LENOBLE (1969) por exemplo, argumentam que a natureza é sempre pensada, e que várias representações da natureza se sucederam na cultura ocidental. As noções de Natureza na antigüidade tinham uma marca vitalista e animista. Já no mundo grego, a natureza objetiva e jurídica constituída à luz da polis assumia um caráter bastante distinto da natureza mecânica resultante da revolução científica do século XVII, quando a ciência passa a desempenhar um papel central. No século XVIII, a metafísica mecanicista recoloca o homem na dependência da natureza; e homens e mulheres passam a ser tomados como parte da mesma. LENOBLE conclui que se por um lado as ciências positivas têm nos trazido uma imensa ajuda, por outro, têm se apresentado como aliadas perigosas, já que reduzir a natureza à ciência, seria como ignorar a história, uma vez que as informações fornecidas pela ciência serão sempre parciais, sempre tomaremos à natureza buscando conhecer seus segredos e mistérios que vão além daquilo que se desvenda em nossos laboratórios.

Outros autores, como Keith Thomas (1989) e SIMMONS (1993), advogam a favor de uma visão construtiva e interpretativa da natureza.

THOMAS refere-se ao caráter construtivo da cultura sobre as representações buscando compreender a mudança de mentalidades (em relação à natureza que ocorreram entre os séculos XVI e XVIII). Analisa com pertinência as modificações, ao longo dos séculos, na relação dos ingleses com o mundo natural. Segundo o autor, no século XVI os ingleses ainda não prezavam a paisagem montanhosa, permitindo que a lavoura avançasse colina acima. Já no século XVIII o público é tomado por uma paixão pelas montanhas crescendo seu desejo pelas viagens que ofereciam efeitos cênicos excitantes.

No final do século XVIII, manifesta-se plenamente o amor pela natureza intocada e o direito de se eliminar as criaturas selvagens é cada vez mais questionado. THOMAS sugere que, desde o início do período moderno, tem sido difícil aos ocidentais sustentarem suas práticas frente à natureza, na medida em que se manifesta um conflito crescente entre as novas sensibilidades e os fundamentos materiais da sociedade ocidental e, esta, passa a ser precisamente uma das contradições básicas da civilização moderna.

O geógrafo SIMMONS traz-nos uma contribuição que reforça a percepção de um caráter construtivo, por parte do sujeito perceptor, em relação ao conceito de natureza e de meio ambiente. Antes do século XX, o uso da palavra natureza, como definidora do entorno, era coletivamente compartilhada e amplamente utilizada. SIMMONS, que utiliza os dois termos como equivalentes, reconhece que a noção de problemas ambientais é bastante recente, assim como as preocupações sobre a degradação ambiental e o esgotamento de fontes. Assim, o conceito de meio ambiente é próprio do século XX e envolve preocupações, noções e práticas que são particulares desta época e que caracterizam o pensamento e a ética ecológica. Esta, requer uma mudança, na visão do mundo que é realçada por autores como NAESS (1989) e CAPRA (1988). Tal visão, implica num novo sistema de valores que busca: uma harmonia com a natureza; o evitamento da poluição; a consideração de toda vida como tendo seu valor intrínseco; a auto-realização como mais importante que o crescimento econômico e o consumismo; a adequação da tecnologia ao ambiente; o reciclamento de materiais; a organização das comunidades humanas numa base regional; atenção especial dada às minorias. Aspectos deste ideário podem estar presentes no pensamento sistêmico, na medicina e cura holística; no feminismo; no movimento verde, dentre outros.

Várias destas idéias estão articuladas no movimento de 'Ecologia Profunda' do filósofo norueguês Arne Naess, que propõe uma reconstrução radical do sistema de valores modernos, o qual se antepõe à representação forte do antropocentrismo ocidental. Nessa reconstrução, ou proposta de educação avançada, há uma contribuição marcante do feminismo que percebe na tradição ocidental racionalista, um viés no exame da relação entre homens e mulheres X natureza, na medida em que somente as ações e raciocínios de homens - e não de mulheres - têm sido considerados.

A pertinência da teoria das representações sociais

A complexidade, dos fenômenos estudados, tem nos levado à busca de um conhecimento mais integrado, a partir de um enfoque temático e interdisciplinar. O meio ambiente pode ser visto como uma destas temáticas.

Denise Jodelet (1989), esquematiza o espaço de estudo das representações sociais e menciona a correspondência existente entre o nível de complexidade dos fenômenos estudados e o de complexidade da teoria das representações sociais. Tal teoria teria uma função de articulação entre os diferentes sistemas explicativos recolocando a Psicologia Social em seu papel de ligação com as outras disciplinas. Assim, a teoria das representações sociais, tem contribuído para a construção de uma psicossociologia do conhecimento. E, parece ser adequada a estudos de questões relacionadas com o meio ambiente.

MOSCOVICI (1981) define as representações sociais como um conjunto de conceitos, propostas e explicações que surgem na vida cotidiana, num processo de comunicação interpessoal. Para MOSCOVICI (1978), as representações sociais revelam três dimensões: a informação, a atitude e o campo de representação ou imagem. A informação organiza os conhecimentos, face a um objeto social, enquanto que a atitude dirige a atenção global do sujeito para o objeto de representação e o campo imagético organiza-se em torno de uma estrutura hierarquizada.

No trabalho empírico a ser descrito, o campo representacional e a organização hierárquica dos elementos representacionais serão explorados, seguindo a orientação teórica de ABRIC (1994) que propõe a teoria do núcleo central das representações como uma abordagem complementar à teoria das representações sociais. Considera que cada representação possui, na sua estrutura, uma hierarquia de conteúdos que podem ser

considerados em termos de elementos centrais e periféricos que contribuem para a organização de uma representação.

Este aspecto cognitivo-estrutural relaciona-se com uma das vertentes no estudo das representações sociais, que trata de características compartilhadas sobre objetos sociais relacionados à percepção e à cognição social.

Quando se leva em conta o fato de que o conhecimentos socialmente compartilhados estão fortemente relacionados à memória e práticas sociais do grupo, o núcleo representacional central, poderia ser comparado ao protótipo desse pensamento compartilhado.

A busca de um núcleo estruturante não deve se antepor à observação das práticas e às características culturais específicas de um conteúdo representacional. ABRIC (1998) sugere que os elementos mais periféricos se relacionam com o contexto social imediato.

Representações sociais e o estudo do meio ambiente

As representações sociais do meio ambiente, assim como os valores atuais que contemplam as relações humanas com o meio ambiente, têm sido foco de pesquisas por parte de órgãos governamentais e educadores, sensibilizados com a importância da educação ambiental no Brasil.

REIGOTA (1995), ao examinar as definições de meio ambiente fornecidas por especialistas de diferentes áreas científicas, conclui que não existe um consenso sobre o que seja meio-ambiente por parte dos membros da comunidade científica e que existem diferentes representações do objeto, que são distintamente compartilhadas por diferentes grupos sociais. Numa pesquisa realizada com professores do interior do estado de São Paulo, ele observou a presença marcante de versões “naturalistas” do meio ambiente enquanto que a representação social de natureza, marcada pela ação e presença humana, aparece menos frequentemente em seus dados.

Numa enquête, representativa da população brasileira, coordenada por CRESPO (1997) e subsidiada pelo Ministério do Meio Ambiente, levantou-se dados sobre *o que o brasileiro pensa sobre o meio ambiente, o desenvolvimento e a sustentabilidade*. Conclui-se que existe uma “consciência ambiental” por parte dos grupos estudados, caracterizada por três componentes:

- (a) uma reverência religiosa perante à natureza;
- (b) uma concepção naturalista do meio-ambiente e
- (c) uma não-aceitação da degradação ambiental.

MORAES (1997) em um estudo voltado às representações do meio ambiente por parte de estudantes e profissionais de diferentes áreas, chegou a distintas representações sobre o meio ambiente relacionadas com a áreas de especialidade dos respondentes. Os cientistas naturais apresentaram uma visão mais naturalista do meio ambiente enquanto que a maioria dos respondentes da área de ciências humanas e sociais apresentaram concepções do ambiente que incluíam os seres humanos. MORAES conclui que essa diferença entre os grupos profissionais deve ser considerada pelos planejadores de intervenções ambientais.

Em sua dissertação de mestrado, CAMPOS (1997) investigou as representações sociais de meio ambiente por parte de professores do 1º grau, da região de Criciúma, assim como as concepções de meio ambiente presentes em livros didáticos e diretrizes governamentais. Os resultados sugerem uma porcentagem significativamente alta de professores que revelam representações naturalistas do meio ambiente; uma maioria quase absoluta de coleções de livros didáticos que caracterizam-se pelo cunho naturalista das concepções de meio ambiente e estudos ambientais. No entanto, os pressupostos dos guias curriculares e dos programas governamentais revelam:

- (I) uma preocupação com uma superação da visão fragmentada de mundo;
- (II) a necessidade de reintegrar os seres humanos ao seu ambiente e
- (III) a preocupação com o desenvolvimento sustentável, buscando garantir as necessidades das gerações atuais, sem comprometer as futuras.

Nota-se, ao examinar os resultados dos estudos anteriormente citados, um descompasso entre os pressupostos das políticas públicas e as concepções e práticas dos que as implementam.

Neste estudo interessa-nos verificar as distintas concepções, sobre natureza e meio ambiente, por parte de três diferentes grupos sociais, que seriam os turistas, os mediadores do turismo e os moradores locais

de Florianópolis. Para tanto, vemos como necessário tecer algumas considerações sobre o fenômeno do turismo.

Turismo e meio ambiente

Nossa atual visão do universo, da natureza e do meio ambiente é mediada pelos instrumentos criados pela tecnologia, que por sua vez é inspirada na ciência que desenvolvemos.

Os avanços tecnológicos proporcionam inovações nos transportes e meios de comunicação, de forma que as relações entre espaço e tempo modificam-se. Como enfatiza GIDDENS (1991), as distâncias espaço-temporal, cobertas pelas novas tecnologias, tomam o passo de vida cada vez mais rápido. É como se o mundo encolhesse e se transformasse numa “vila global”.

Na pluralidade de nossos tempos, a questão do turismo se impõe, muitas vezes como uma escolha de estilo de vida, por parte de atores sociais cada vez mais individualizados que, segundo autores como BERKING (1996) e BECK (1992), estariam migrando em direção à uma ecologia subjetiva.

A ligação entre o self-reflexivo destes novos atores, de seus problemas individuais e de sua ligação com contextos globais, é bem caracterizada pela reflexão de Helmuth Berking (1996:201), que diz:

Se eu sei o que significa para minha saúde tanto o tráfego de carros como as florestas tropicais; se eu sei o que o amor e amizade, a empatia e a compaixão podem originar; se eu atribuo direitos à natureza e atribuo a mim o dever de protegê-la, o que conta então, apesar de qualquer motivação utilitária, são solidariedades que se estendem e que não se restringem à minha própria comunidade e a valores compartilhados.

Este trecho resume a idéia de que os novos atores sociais de que falamos apresentam uma reflexividade acentuada em relação à sua condição no mundo atual e uma consciência clara sobre sua responsabilidade frente ao meio ambiente, assim como uma aguda percepção frente aos riscos que se lhes impõe – inerentes ao fato de meramente existirem. A consciência do risco e o compromisso com as questões ambientais so-

mam-se à uma consciência crescente de que as decisões pessoais também afetam as considerações globais, sendo que a ligação vai da pessoa ao planeta.

Essa consciência emergente de pertencer à natureza, de responsabilidade frente à mesma e da existência de riscos para as gerações futuras causados pela destruição do meio ambiente, tem sensibilizado as pessoas à preservação dos ambientes naturais e visita aos mesmos no tempo de lazer.

Constata-se que o turista tem preferido os ambientes naturais, exóticos e longínquos e que o turismo ecológico vem sendo cada vez mais buscado. Como consequência, os serviços oferecidos buscam proporcionar uma maior integração entre os usuários e a natureza.

KRIPPENDORF (1989), em sua análise abrangente do fenômeno do turismo nas sociedades contemporâneas, reconhece que o êxodo das massas, que caracteriza a onda crescente do turismo, atinge os seus limites. Segundo o autor, o lema parece ser: *cada vez mais, cada vez maior, cada vez mais rápido, cada vez mais longe*. O autor considera o modelo existencial de nossas sociedades da era industrial como pautado por trabalho-moradia-lazer-viagens. De acordo com nosso argumento anterior, KRIPPENDORF também considera a dimensão existencial e o self ao contextualizar sua discussão sobre o turismo, onde a descoberta do planeta é vista como chave para o aprimoramento pessoal.

Uma das teses interessantes desenvolvidas por KRIPPENDORF é a de que o turismo deva criar condições para uma troca igualitária entre viajantes e hospedeiros. Nessa linha de argumento podemos considerar necessário, para que o turismo seja desenvolvido de forma harmoniosa, que se conciliem às necessidades dos viajantes com as dos indivíduos que moram na região turística.

Por exemplo, é importante que a comunidade hospedeira conserve o poder decisório sobre instalações turísticas e que seus órgãos representativos sejam consultados face a mudanças que envolvam grandes impactos ou riscos. Desta forma o turismo poderá beneficiar-se do patrimônio ecológico e vice-versa.

Todavia, o que se tem observado na cidade e praias de Florianópolis, ao longo dos últimos 20 anos, é que, se por um lado o turismo tem implementado melhorias à cidade e provocado uma mudança no espaço, a consequente valorização do solo urbano, tem levado a uma segregação da população menos favorecida, que se vê empurrada de suas

propriedades para espaços mais longínquos, não tendo acesso aos serviços implementados. Além disso, existem projetos como o da instalação de uma Marina na Lagoa da Conceição e tentativas cada vez mais frequentes de construções de prédios de alta estrutura; o alargamento de estradas e construção de vias elevadas devido ao tráfego intenso de veículos durante a temporada de férias; a escassez de água e carístia de gêneros alimentícios na época de temporada de verão; assim como a poluição das praias que não contam com um estrutura adequada de escoamento do esgoto. Todos estes itens, chamam a nossa atenção para a falta de uma planificação de infra-estrutura para o turismo. Além disso, observa-se que pouca ou nenhuma atenção tem sido dada à opinião dos moradores locais, que certamente são os que mais sofrem as conseqüências de todos os impactos ambientais causados pelo desenvolvimento de um turismo crescente e aparentemente não planejado.

Representações sociais do meio ambiente e da natureza no contexto turístico de Florianópolis

Dentre as várias questões de pesquisa abordadas no projeto mais amplo, nos propomos a apresentar aqui, dados preliminares sobre o núcleo figurativo representacional dos conceitos de meio ambiente e natureza, a partir de respostas dadas por turistas, habitantes locais e mediadores ou responsáveis pelo turismo em Florianópolis.

Nesta etapa da pesquisa foram abordados 630 respondentes, dentre eles: 206 turistas (101 mulheres e 105 homens); 210 mediadores (100 mulheres e 110 homens) e 214 moradores locais (104 mulheres e 110 homens).²

A técnica de coleta e análise de dados utilizada baseou-se na proposta de VERGÈS (1992) que envolveu a evocação livre de palavras, por parte dos respondentes, associadas aos conceitos de *meio ambiente e natureza*.

Pretendia-se chegar com o conjunto de dados aos elementos constitutivos das representações. O procedimento limitou-se a pedir individualmente a cada respondente que espontaneamente verbalizasse pala-

² Da coleta e análise preliminar dos dados participaram os bolsistas de Iniciação Científica do CNPq Mauricio Eugênio Maliska e Liliane Carboni além da bolsista de Apoio Técnico Elisiênia C. de S. F. Fragnani.

avras que lhe vinham à mente quando pensasse sobre os objetos dapesquisa em questão. O respondente deveria mencionar pelo menos cinco palavras associadas a cada um dos dois conceitos estímulo.

Para a análise dos dados evocados, utilizou-se o programa Evoc, de Pierre Vergès (1999). Os dados foram compilados conforme instruções do programa, codificados em seus respectivos grupos. As evocações foram analisadas pela sua ordem e frequência.

Dado ao caráter mais espontâneo, e menos controlado desta técnica, chegamos aos elementos semânticos ou conteúdos que provavelmente pertencem aos núcleos centrais da representação social de natureza e de meio ambiente, assim como aos sistemas mais periféricos.

Conforme proposto por VERGÈS (1992), os resultados devem ser apresentados na forma de quatro quadrantes, associados a diferentes graus de centralidade das palavras por eles contidas. O primeiro quadrante superior esquerdo, define as categorias centrais da representação, organizando o núcleo central da mesma. Os outros três quadrantes constituem os núcleos periféricos próximos (quadrante superior direito e inferior esquerdo) e o núcleo periférico distante (quadrante inferior direito).

Estaremos detalhando abaixo, nas tabelas I e II, um exemplo para cada um dos objetos considerados.

Resultados sobre o meio ambiente

Os dados sobre a evocação livre de palavras fornecidos pelos 630 respondentes foram analisados levando em conta a categoria de pertença grupal e o sexo dos mesmos. Chegou-se a 6 conjuntos de resultados referentes ao núcleo figurativo de meio ambiente.

Estaremos discutindo os elementos dos seis grupos de respondentes, assim como o que os destacava em particular. Porém, estaremos apresentando como exemplo, para fins de visualização dos quadrantes, apenas os resultados do grupo dos homens moradores locais de Florianópolis (ver tabela I).

Tabela I

Meio Ambiente. Frequência de evocação e ordem média de palavras evocadas por moradores locais do sexo masculino. Florianópolis, 1999.

Frequência	Ordem média inferior ou igual a 2,0		Ordem média Superior a 2,0	
superior ou igual a 8	21	Preservação (1,7)		
	20	Natureza (1,5)		
	12	Poliuição (1,7)		
	9	Lixo (1,8)		
	8	Limpeza (2,0)		
inferior a 8	7	Ecologia (1,7)	7	Mar (2,6)
	7	Árvores (1,7)	6	Praia (2,2)
	7	Verde (1,6)	5	Rios (2,4)
	6	Desmatamento (1,8)	5	Ar puro (2,2)
	6	Vida (2,0)	4	Pássaros (2,2)
	5	Ecossistema (2,0)		
	4	Animais (2,0)		
	4	Qualidade de vida (1,7)		
	4	Saúde (1,2)		

Considerando os dados sobre o meio ambiente na sua totalidade, nota-se que a palavra natureza está presente no quadrante superior esquerdo de todos os grupos, sendo a categoria de maior frequência. Poderíamos supor que o argumento central implícito nas respostas desses sujeitos, é que o meio ambiente é representado como a natureza propriamente dita, como algo a ser preservado, mantido limpo e isento de poluição.

Os conteúdos que caracterizam o sistema próximo periférico da representação de meio ambiente, referem-se ao verde, às árvores e às matas, tendo emergido a ecologia como o segundo elemento associado.

Levando-se em conta os resultados dos seis grupos no quadrante à direita e embaixo (que se referem ao núcleo periférico distante), nota-se a ênfase dada ao cuidado para com a natureza e especificamente para com os animais, havendo várias referências em relação à educação ambiental.

Ao observarmos os resultados de cada grupo, nota-se ainda, que os moradores locais, enfatizam a preservação como elemento central da representação de meio ambiente. Os mediadores e turistas, mencionam além da natureza, a limpeza e a poluição.

Interessante notar que os moradores e mediadores do turismo não mencionam a água, que é tão escassa na cidade de Florianópolis.

Assim, como também, não é mencionado qualquer conteúdo que se relacione com as gerações futuras.

Resultados sobre a natureza

A seguir temos, como exemplo, o conjunto de dados do grupo de turistas do sexo feminino (ver tabela II).

Tabela II

Natureza. Frequência de evocação e ordem média de palavras evocadas por turistas do sexo feminino. Florianópolis, 1999.

Frequência	Ordem média inferior ou igual a 2,0			Ordem média Superior a 2,0		
superior ou igual a 8	22	Beleza	(1,4)	13	Animais	(2,15)
	19	Verde	(1,4)			
	15	Vida	(1,6)			
	13	Mar	(2,0)			
	12	Água	(1,8)			
	9	Plantas	(2,0)			
inferior a 8	6	Tranquilidade	(2,0)	8	Árvores	(2,25)
	6	Paz	(1,5)	8	Preservação	(2,13)
	5	Limpeza	(1,8)	7	Ar puro	(2,14)
	5	Liberdade	(1,2)	6	Montanha	(2,67)
	4	Pássaros	(2,0)	6	Saúde	(2,50)
	4	Homem	(2,0)	5	Flores	(2,20)
				4	Matas	(2,50)

Considerando os resultados de todos respondentes, nota-se que tanto os turistas quanto os mediadores e os moradores locais, associam natureza primordialmente com beleza, embora os moradores também considerem a preservação como um item de central importância.

Natureza é associada a meio ambiente apenas algumas poucas vezes e pouquíssimas referências são feitas ao ser humano (quatro vezes).

Os núcleos figurativos produzidos pelos turistas e mediadores quando comparados se assemelham mais do que aos produzidos pelos moradores locais, no sentido de que os dois primeiros grupos, percebem a natureza na sua exuberância e associada à vida enquanto que os moradores parecem associá-la à preservação.

Ao se examinar os resultados mais evidentes referentes aos núcleos periféricos próximos, nota-se que os turistas particularmente referem-se à tranquilidade, paz e harmonia refletidas pela natureza.

Finalmente, os quadrantes inferiores (que destacam os núcleos periféricos distantes, associados às práticas sociais), revelam uma preocupação para com o cuidado e a preservação da natureza, assim como, para com a natureza enquanto fonte de saúde.

Conclusões

Os resultados, encontrados nesta investigação, confirmam os estudos anteriormente mencionados (REIGOTA, 1995; MORAES, 1997; CAMPOS, 1997; e CRESPO 1997), no sentido de que reforçam uma visão naturalista do meio ambiente por parte dos sujeitos entrevistados.

Meio ambiente é identificado principalmente como natureza, porém, o inverso não ocorreu com a mesma magnitude. Esses resultados parecem indicar que os 630 atores sociais envolvidos, independentemente de sua pertença grupal, definem meio ambiente como natureza, não privilegiando – dentro as inúmeras evocações – conceitos relacionados com o contexto, preocupações e dimensão político-social que acompanham a visão ambientalista.

Os resultados sugerem, também, que se considere os interesses grupais e as diferentes práticas sociais dos grupos em questão, como responsáveis pela organização dos mesmos. Tal influência fica evidente quando os turistas e mediadores do turismo revelam uma visão de natureza como um elemento a ser admirado e usufruído. Por sua vez, o grupo de moradores locais, acentua a importância da preservação da natureza. Pode-se supor que, implícito a essa preocupação com a preservação esteja o cuidado, por parte de tais moradores, com as gerações futuras e com o desenvolvimento sustentável. Todavia, tal suposição, deve ser investigada em outras pesquisas.

Este estudo deixa evidente as vantagens e a limitação da abordagem metodológica aqui utilizada. A técnica da evocação livre de palavras apresenta a vantagem de se economizar tempo na obtenção dos resultados, permitindo que se obtenha um número considerável de respostas com uma certa agilidade. Além disso, permite que se chegue a um diagnóstico global sobre as tendências do campo estrutural das representações sociais. Todavia, não oferece a riqueza de informações

necessárias, para que se possa estar mais próximo das tendências e nuances interpretativas dos respondentes frente à temática em questão.

O estudo apresentado sugere que, outras investigações abordem os aspectos processuais das representações sociais de natureza e de meio ambiente, utilizando-se de outras metodologias que venham, através das narrativas dos atores sociais, evidenciar as atitudes e valores associados aos elementos estruturais antes descritos.

Referências bibliográficas

- ABRIC, J. C. (Ed.). *Pratiques sociales et représentations*. Paris : PUF, 1994.
- BECK, U. *Risk Society. Towards a New Modernity*. London : Sage Publ, 1992.
- BERKING, H. Solidary Individualism: The Moral Impact of Cultural Modernisation in late Modernity. In: *Risk Environment and Modernity. Towards a New Ecology*. London : Ed. Scott Lash et col. Sage, 1996.
- CAMPOS, M. *Abordagem das questões ambientais nas séries iniciais do 1º grau na região de Criciúma (SC)*. Dissertação de mestrado em Educação, UFSC, 1997.
- CAPRA, F. C. *O ponto de mutação*. São Paulo : Cultrix, 1988.
- CRESPO, S. (Coord.). *O que o brasileiro pensa sobre o meio ambiente, desenvolvimento e sustentabilidade*. Rio de Janeiro : MMA/MAST/ISER, 1997.
- GIDDENS, A. *Modernity and Self-identity. Self and Society in the Late Modern Age*. Cambridge : Polity Press, 1991.
- JODELET, D. *Les Représentations Sociales*. Paris : PUF, 1989.
- KRIPPENDORF, J. *Sociologia do Turismo. Para uma nova compreensão do lazer e das viagens*. Rio de Janeiro : Civilização Brasileira, 1989.
- LENOBLE, R. *História da Idéia de Natureza*. Lisboa : Edições 70, 1969.
- MORAES, E. C. SCHABERLE, Fabio; LIMA, Enio. *Representations of Environment by students and professionals from different fields of Knowledge in Brasil*, 1997.
- MOSCOVICI, S. *A Representação Social da Psicanálise*. Rio de Janeiro : Zahar, 1978.

- _____. On social representation. In: FORGAS, J. P. (Ed.) - *Social Cognition*. London : Academic Press, 1982.
- NAESS, A. *Ecology, Community and Lifestyle. Outline of an Ecosophy*. Cambridge : Cambridge University Press, 1989.
- REIGOTA, M. *Meio Ambiente e Representação Social*. São Paulo : Cortez, 1995.
- SÁ, C. P. *Núcleo Central das Representações Sociais*. Petrópolis : Vozes, 1996.
- SIMMONS, I. G. *Interpreting Nature: Cultural constructions of the Environment*. London : Routledge, 1993.
- THOMAS, K. *O homem e o Mundo Natural. Mudanças de Atitude em Relação às plantas e aos animais (1500-1800)*. São Paulo : Companhia das Letras, 1989.
- VERGÈS, P. L'évocation de l'argent: une méthode pour la définition du noyau central d'une représentation. *Bulletin de Psychologie*, v. XLV, n. 405, p. 203-209, 1992.
- _____. Ensemble de programmes permettant l'analyse des évocations. Aix en Provence. *Manual d'utilisateur*, p. 18, 1999.